

## Agustina Bessa-Luís leitora de Luís de Camões

Agustina Bessa-Luís reader of Luís de Camões

Maria do Carmo Cardoso Mendes  
Universidade do Minho  
mcpinheiro@elach.uminho.pt  
Data de receção do artigo: 28-07-2022  
Data de aceitação do artigo: 27-09-2022

### Resumo

Este ensaio tem como principais objetivos: 1. Reconstruir os comentários de Agustina sobre o lugar crucial de Camões na história cultural portuguesa – produzidos em artigos publicados ao longo das décadas de 1980 e 1990; 2. Demonstrar que Agustina tem um profundo conhecimento da obra de Camões; 3. Analisar os juízos de Agustina sobre diversos episódios do poema épico *Os Lusíadas*; 4. Demonstrar que os textos de Agustina Bessa-Luís constituem um relevante contributo para o conhecimento da posteridade de Luís de Camões.

**Palavras-chave:** Bessa-Luís (Agustina) – Camões

### Abstract

The main purposes of this essay are: 1. To reconstruct Agustina's comments on Camões' crucial place in Portuguese cultural history – as seen in articles published throughout the 1980s and 1990s; 2. To show that the contemporary Portuguese writer has a deep knowledge of Camões' work; 3. To examine Agustina's views on the epic poem *Os Lusíadas*; 4. To highlight Bessa-Luís' contribution to later knowledge of Luís Vaz de Camões.

**Key-words:** Bessa-Luís (Agustina) – Camões

1. A repercussão de Camões na literatura portuguesa do século XX mostra que, em diferentes géneros e com distintos propósitos, o poeta foi uma presença constante. Os mais relevantes diálogos intertextuais, no âmbito da receção portuguesa, são acutilantemente analisados em entradas do *Dicionário de Luís de Camões* (2011) da

autoria de José Carlos Seabra Pereira. Destaco os textos “Camões e o(s) modernismo(s) em Portugal” e “Camões e o Neorromantismo”.

Observa Márcia Arruda Franco (2011: 337) que “na poesia escrita em português ulteriormente a Fernando Pessoa, é manifesta a presença de Camões não apenas no cânone literário, mas como bem simbólico”.

Ao influxo camoniano não foi indiferente a escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís, que com o poeta (lírico e épico) e o homem (ou, mais justamente, a sua visão biograficamente romanceada) estabeleceu múltiplos diálogos.

Agustina, cujo primeiro centenário de nascimento se celebra em 2022, foi uma leitora atenta da obra camoniana (citando e comentando com frequência versos de sonetos, de canções e do poema épico *Os Lusíadas*) e uma intérprete da vida do poeta quinhentista. Em numerosos ensaios e artigos, procurou ler o tempo de Camões e, sobretudo, a sua posteridade na cultura portuguesa. Fê-lo de forma desassombrada e rigorosa, mas também intimista, não evitando o seu olhar muito pessoal da biografia e da produção literária de Camões. Vencedora do Prémio Camões em 2004, Agustina reconheceu que, lendo o poeta, “Às vezes, um só verso descobre nele engenho tamanho que a gratidão nos embarga a voz”.

Agustina não ocultou também um sentido de autocrítica, revelando a sua surpresa e as suas limitações, enquanto prosadora, para acolher solicitações de escrita sobre Camões. Em “A alma escrita” (conferência realizada em Caracas, em 10 de junho de 1984), confessa estes dois sentimentos:

(...) encarregam-me, com ingenuidade assombrosa, de fazer o retrato dos poetas, de lhes construir altares e tronos ou tecer-lhes coroas de louros para substituir as que traziam e não estavam já verdes e viçosas. É o caso de Camões, o nosso vate oficial, o mais alto monumento das nossas letras. Não digo que ele está mal entregue nas minhas mãos; digo que não posso ajustar nele o espírito da poesia, porque eu não sou poética (Bessa Luís 2000: 94).

Será porventura esta natureza de prosadora que leva Agustina a efabular sobre motivações camonianas para a escrita. Assim, a respeito de *Os Lusíadas*, oferece uma visão muito peculiar acerca dos intuitos do poeta: “Quando Camões compunha *Os Lusíadas*, servia-se decerto mais do dicionário mitológico do que dum estado de puro êxtase e devaneio poético” (Bessa-Luís 2000: 95-96).

As reflexões de Agustina, nas suas ambiguidades e contradições – refletindo, talvez, a sua conceção sobre as ambivalências essenciais da própria natureza humana –, constituem, portanto, um relevante contributo para o conhecimento da receção da vida e da obra camonianas na literatura e na cultura portuguesas do século XX.

Agustina teve consciência da universalidade e da intemporalidade da obra de Camões, e sobre elas teceu observações sagazes e atentas à fortuna crítica da obra do poeta.

Procuro neste ensaio: reconstruir os comentários de Agustina sobre o lugar crucial de Camões na história cultural portuguesa – produzidos em artigos publicados ao longo das décadas de 1980 e 1990; demonstrar que Agustina revelou conhecer a obra de Camões; analisar os juízos de Agustina sobre diversos episódios do poema épico *Os Lusíadas*; explicitar a visão algo desencantada da escritora sobre a receção camoniana na cultura portuguesa, em grande medida ecoando o lamento do poeta no final de *Os Lusíadas*; examinar as considerações da escritora sobre o percurso de Camões, destacando os comentários que lhe mereceu a sua passagem por Macau; manifestar o contributo dos textos de Agustina para o conhecimento da fortuna cultural da obra de Luís de Camões.

No ano de comemoração dos 450 anos de publicação de *Os Lusíadas*, julgo oportuno visitar a receção do poeta quinhentista na escritora contemporânea.

2. Uma das entradas do *Dicionário Imperfeito* de Agustina Bessa-Luís é dedicada a Camões e começa com uma frase algo provocatória: a escritora afirma liminarmente que “Não sou dos que morrem de amores por Camões” (Bessa-Luís 2008: 36).

A observação citada poderia fazer supor que o homem e o poeta quinhentista não merecem uma especial atenção na obra da ficcionista portuguesa. Todavia, logo após esta afirmação perentória, Agustina reconhece que “Camões é o grande vate que o país merece, sem que nisso haja interpretação duvidosa. Às vezes, um só verso descobre nele engenho tamanho que a gratidão nos embarga a voz” (Bessa-Luís 2008: 36).

O reconhecimento, aliado à expressão de um juízo sobre a qualidade literária do poeta renascentista, não autorizam a vermos na obra da escritora portuguesa uma influência marcante de Camões, como acontece, por exemplo, com Proust, Dostoievski ou Thomas

Mann, no que a influxos estrangeiros respeita, ou com Camilo Castelo Branco, o escritor português que mais marcou a sua obra literária e com o qual estabeleceu diálogos mais intensos.

O escritor russo Fiodor Dostoievski teve uma influência marcante na ficção de Agustina, sobretudo pela dimensão do sentido trágico da vida. Tal influência pode identificar-se desde logo no primeiro romance publicado pela escritora, *Mundo Fechado* (1948), tal como foi sublinhado por Álvaro Manuel Machado:

Desde *Mundo Fechado*, partindo do modelo de Dostoievski, na sequência e em particular devido à expansão deste modelo de Raul Brandão a José Régio (...), Agustina elabora um processo lúdico de cumplicidades várias com o leitor através das cumplicidades com os próprios modelos (Machado 2008: 35).

No modelo dostoiévskiano encontrou Agustina inspiração para os retratos de diversas personagens, designadamente: Porfírio, em *Ternos Guerreiros* (1960), João Trindade, em *Eugénia e Silvina* (1989) e José Rui, em *Antes do Degelo* (2004). Acerca do último, confessa a narradora o peso que a leitura de *Crime e Castigo* teve na formação da personalidade e na tomada de decisões: “O personagem mítico de José Rui era Raskolnikov, o estudante que assassina a velha agiota. Lia o livro vezes sem fim e encontrava sempre novas ideias” (Bessa-Luís 2004: 33).

O influxo proustiano, por sua vez, identifica-se desde logo em *A Sibila*, através da “ambígua complexidade da personagem e das suas labirínticas relações com os outros, inaugurando, através do espírito do lugar, os arquétipos temáticos do mistério e do hábito do ser, num tempo e num espaço circulares, isto é, míticos” (Machado 2008: 36).

No conjunto dos muitos momentos que Agustina dedicou à vida de Camilo e a traços da sua personalidade, destaco o texto “Camilo Castelo Branco: um pé dentro do mar, outro na areia” (escrito em 1964), o romance *Fanny Owen* (1979), a obra *Camilo Génio e Figura* (1994) e a entrada “Camilo Castelo Branco” no *Dicionário Imperfeito* (2008). Ao lado deste interesse, deve ainda sublinhar-se a intertextualidade presente no romance *Fanny Owen*, cujas personagens – desde logo José Augusto – são delineadas pelo paradigma romântico camiliano.

Pretendem as observações anteriores demonstrar que a relação de Agustina com escritores estrangeiros e com o português Camilo são explicitamente confessadas e possibilitam a construção de um intenso dialogismo literário.

A presença de Luís de Camões – homem e poeta – não permite identificar marcas tão explícitas quanto as oferecidas por escritores como Dostoiévski, Proust ou Camilo. De facto, o interesse de Agustina por Camões não se situa no plano de diálogos literários diretos, mas numa vertente reflexiva em que se desvela não a romancista, mas sim a ensaísta e a biógrafa que ficcionalizou vidas – assim o fez também com Maria Helena Vieira da Silva, Florbela Espanca, o marquês de Pombal ou o pintor barroco holandês Rembrandt, para considerar apenas alguns exemplos de um percurso onde biografias romanceadas têm um lugar privilegiado.

A reconhecida firmeza de convicções de Agustina e a sua incapacidade para a aceitação do juízo fácil, do elogio gratuito e da retórica por vezes superficial do enaltecimento foram apontadas na feliz expressão de Eduardo Lourenço: “candura feroz”.

No seu diálogo não ficcional com Camões, Agustina buscou realizar, como se intentará demonstrar: uma biografia romanceada do poeta; um conjunto de comentários proporcionado por celebrações do 10 de junho (dia consagrado nacionalmente ao poeta e às comunidades portuguesas) acerca do seu entendimento da identidade nacional; e, por fim, uma possibilidade de revisitar a História de Portugal na sua grandeza e na sua miséria, que tão magistralmente a obra camoniana plasmou.

São estas três linhas que determinam a receção de Camões em Agustina Bessa-Luís e que de seguida analiso.

**3.** A biografia de Camões é a vertente que merece considerações mais singulares de Agustina. Considera que a sua educação foi “antiquada e clássica” e que a sua existência foi a de um “pícaro”, aspeto que, todavia, não extravasa para a obra literária. No termo da vida, o poeta terá sido dominado pelo abatimento e pela miséria, estados que Agustina explica como consequências da sua atração pelo poder. Um poder que lhe merece ainda outros comentários. De facto, não deixa a escritora de assinalar, recorrendo à citação, a importância da advertência que o poeta fez ao jovem rei D. Sebastião no final de *Os Lusíadas*, aconselhando-o a precaver-se contra os aduladores:

Não se aprende, Senhor, na fantasia,  
 (...)
 Mas eu que falo, humilde, baixo e rude,  
 De vós não conhecido, nem sonhado?

(Camões 2006: 446)

Trata-se de uma recomendação que o rei jamais terá escutado, concluindo Agustina, num desalento que evoca o de Camões no final do poema, que “um poeta morre devagar no desleixo dos seus contemporâneos” (Bessa-Luís 2008: 38).

Ao mesmo tempo, a reflexão sobre a biografia camoniana é um pretexto para que Agustina disserte sobre a vacuidade do discurso do poema épico perante um país “arrefecido de ingratidão” (Bessa-Luís 2008: 36). Estas palavras ecoam o lamento camoniano na estância 145 de *Os Lusíadas*:

Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho  
 Destemperada e a voz enrouquecida,  
 E não do canto, mas de ver que venho  
 Cantar a gente surda e endurecida

(Camões 2006: 443).

Na sequência deste comentário, observa Agustina que ao longo de todo o poema épico se desvenda “um contemplar de vazio sem remédio” (Bessa-Luís 2008: 38). A sua leitura, portanto, convoca as luzes e as sombras dos tempos: o de Camões e o da própria Agustina.

É interessante também que Agustina recorde a sua experiência como leitora de *Os Lusíadas*. Ela remonta à adolescência e revelou-se, num primeiro contacto aos dez ou onze anos, pouco estimulante, pois a então adolescente foi forçada a “dividir as orações do primeiro canto” para concluir que o poema épico se tornou um “breviário seco” produzido não por um poeta, mas por um “malabarista do sujeito e do predicado” (Bessa-Luís 2008: 37).

Todavia, numa espécie de jogo permanente com o leitor, a mesma Agustina confessa em *Caderno de Significados* que a dificuldade de compreensão do poema camoniano se tornou um exercício de rigor: “Camões foi para mim uma dificuldade amável, gostava de dividir as orações nos *Lusíadas*, como se divide a risca do cabelo: escrupulosamente” (Bessa-Luís 2013: 17).

Parece evidenciar-se que a passagem do tempo trouxe à escritora uma disciplina e um entendimento mais substancial sobre a obra

camoniana, de tal modo que obstáculos de tenra idade se tornam fascínios na idade adulta. Assim, quando visita Macau pela primeira vez, a escritora manifesta o encanto que sentiu recordando o poema épico, em particular um episódio do canto IX – conhecido como a Ilha dos Amores –, que considera o ponto alto do dom poético e do bem-estar emocional:

(...) o mais emblemático d’Os Lusíadas. As ninfas que na ilha esperam os navegantes são a companhia eterna que os Deuses lhes destinam em prémio de tantas proezas e sofrimento; significam o dom da poesia, conforto propício nos caminhos ásperos deste mundo. Significam a consolação de tantas dores sofridas e reforço à glória arrancada à avara sorte (Bessa-Luís 2017: 1877).

Esta interpretação que Agustina realiza do episódio da Ilha dos Amores enquanto símbolo de prémio merecido e tributo ao esforço humano ressoa as análises que foram feitas por diversos camonistas, designadamente por Aguiar e Silva em “Função e significado do episódio da Ilha dos Amores na estrutura de *Os Lusíadas*” e “Imaginação e pensamento utópico no episódio da Ilha dos Amores”.

Conservando uma acutilância permanente e um sentido crítico reiterado sobre a natureza muitas vezes fugaz de eventos comemorativos, Agustina observa Portugal, no ano de 1991, com certa melancolia, declarando que o desaparecimento do poeta quincentista teve um extraordinário peso simbólico na identidade nacional:

Foi-se o que Camões incarnava: o direito ao génio, que os povos desejam mais do que a vida consolada e alegre. Não se deve ao povo apenas justiça, mas sobretudo a esperança de célebres dias (Bessa-Luís 2017: 1878).

Porque vários textos sobre Camões são publicados a pretexto de celebrações do 10 de junho, Agustina não perdeu oportunidades para denunciar alguma superficialidade que em Portugal envolve a comemoração de um centenário.

Assim acontece quando escreve para um suplemento especial do Expresso, em 21 de junho de 1980, um breve texto ao qual deu o título “As pessoas vulgares e os génios infelizes”. Depois de defender que “As comemorações trazem com elas mais curiosidade do que interesse; mais persuasão passageira do que entendimento prolongado” (Bessa-Luís 2017: 950), defende que o que qualifica Camões como génio é a necessidade que Portugal tem de figuras geniais, pois “Os grandes homens são o amor-próprio dos povos” (Bessa-Luís 2017: 950).

No ano seguinte, Agustina é responsável pela oração proferida nas comemorações oficiais do Dia de Portugal, celebradas na cidade do Funchal. Procurando responder à questão que formula – “Quem são os grandes homens senão aqueles que melhor nos retratam?” – identifica em Camões o retrato da identidade portuguesa na nostalgia do afastamento:

Muitas das canções de Camões que parecem de amor, são matizados caminhos que nos descobrem Portugal. Assim, quando ele diz: ‘Só com vossas lembranças me acho seguro e forte contra o rosto feroz da fera Morte, e logo se me juntam esperanças com que, a fronte tornada mais serena, torno os tormentos graves em saudades brandas e suaves’, Camões não está a falar de uma mulher, mas da terra que deixou (...). As canções de amor de Camões só possuem tão lírica verdade porque respiram o ar distante da amada terra (Bessa-Luís 2000: 201-202).

A crítica não deixa de se fazer presente nesta reflexão sobre uma certa instrumentalização nacional de Camões: recordá-lo através de efemérides como o 10 de junho, dia dedicado ao poeta e às comunidades portuguesas, não passa com frequência de uma memória ténue que se extingue no próprio dia da homenagem, não trazendo consigo um verdadeiro esforço ou interesse nacionais em conhecer e aprofundar a obra camoniana.

Pode assim afirmar-se que para Agustina escrever sobre Camões tem por vezes um alcance mais amplo, pois vai além de uma reflexão – ou, mais precisamente, uma interpretação pessoal – acerca da vida e da obra literária do escritor.

O que acabo de dizer é confirmado por outra publicação, desta vez no *Diário de Notícias*, datada de 12 de junho de 1981, intitulada “Um país de comunidades”. Agustina começa por tecer um retrato dos portugueses dispersos pelo mundo e sobre o que tal expansão significou: “O que o homem aprende (...) é a generosidade quando passa fronteiras, o seu engenho é posto à prova, a sua solidão fabrica uma coragem às vezes despeitada, mas coragem na mesma e capaz de grandes coisas” (Bessa-Luís 2017: 1031).

Ora Camões adquiriu um estatuto de universalidade porque foi capaz de “interpretar a voz profunda de tantos portugueses para quem a terra natal não basta como espaço. (...) Nunca Camões é tão grande como quando traduz o que muitos sentem” (Bessa-Luís 2017: 1032).



Confessadamente mais fascinada pelo lírico do que pelo épico, a escritora explica essa preferência pela natureza da alma portuguesa:

Nós temos uma cultura afectiva, como outros têm uma cultura filosófica. Em tudo o que tocamos deixamos a marca desse afecto que nos poupou em grande parte ao contrato do tirano com a servidão. Somos um povo que sempre quis viver aproximado ao estado de natureza, e sempre quis evitar o estado de guerra” (Bessa-Luís 2017: 1032).

O que torna Camões “O português de todos os tempos” é o facto de ele exibir a identidade nacional ou, mais justamente, a visão de Agustina sobre a identidade nacional, feita de paradoxos, de ambiguidades, de grandezas e tibiezas, em suma, do que é o ser humano no sentido mais profundo desta expressão:

(...) ele representa, como tipo humano, o português de todos os tempos. É poeta, soldado, aventureiro; intelectual e mundano; vítima e herói; experiente e desprevenido; boa alma e cidadão discutível. Sentimental e capaz de frio juízo sobre todas as coisas. A sua liberdade é interior e não feita à imagem das circunstâncias. (...) nós nomeamos um poeta para falar de nós, e nesse poeta está contido o homem comum português. Não é só um poeta; é um homem de contradições extraordinárias como as que conhecemos não só durante o curso das nossas vidas, mas também dos dias e das horas todas (Bessa-Luís 2017: 1034-1035).

Em 10 de junho de 1984, numa conferência proferida em Caracas, à qual deu o significativo título de “A alma escrita”, Agustina reitera esta imagem de Camões como metáfora da identidade nacional:

Camões é um símbolo e funciona como tal. (...). Não o poeta d’Os Lusíadas, não o artista dos sonetos; não o misterioso soldado mutilado, não também o náufrago e o exilado. Não o amigo de aventureiros, de fidalgos avarentos ou generosos, de mulheres, belas, menos belas, maldosas, ternas, confidentes, traidoras, leais, indiferentes, mortas. É um símbolo. Quando se fala de Camões, diz-se Portugal. E, de repente, cada um de nós vê um território banhado de mar agitado e frio, com manhãs verdes de nevoeiro e com os campos onde os nomes das mais pequenas ervas nos fazem humedecer os olhos (Bessa-Luís 2000: 99).

Ao longo da sua carreira literária e ensaística, Agustina sempre se interessou por Portugal e pela sua História. O seu fascínio pela História de Portugal – ou, com mais propriedade, por uma peculiar visão da História – traduziu-se em intentos de interpretação da

identidade nacional, do lugar do país no mundo, das relações culturais com outros países europeus e não europeus.

Num interessante ensaio a que deu o título “Da fruição da história, em *A Monja de Lisboa* (1985), à desilusão da política, em *Os Meninos de Ouro* (1983), até à frivolidade de certas vidas, em *Os espaços em branco* (2003), ou do sibilino humor de Agustina Bessa-Luís”, Salvato Trigo sublinha a atração da escritora pela História e o processo de mistificação que nela realiza:

A história, em especial a história de Portugal (...), é um dos reservatórios semióticos mais inspiradores para esta nossa autora que, sem dúvida, renovou o sentido do romance na literatura portuguesa. (...)

Assume (...) a autora a mistificação como necessária, para a compreensão da vida, da existência mais do que da realidade, porque com esta lidam os historiadores e com aquela lidam os romancistas e os poetas (Trigo 2017: 75, 77).

No *Dicionário Imperfeito*, a escritora declarou que “Em todos nós, mesmo sem sermos cronistas, historiadores ou confortáveis narradores de romances de família, se encontra o direito ao movimento regressivo” (Bessa-Luís 2008: 130).

A ficcionalização da História atrai Agustina, que em *A Monja de Lisboa* declara a sua atração pela releitura da História oficial:

O mal dos historiadores é que dispõem cada vez mais de fontes onde colher informações. E de tanto que estudam, turva-se-lhes o entendimento para as coisas possíveis, tanto do corpo como da alma. Tudo são notas e averbamentos, e muito pouco é ciência original ou traduzida do mapa que é o coração humano (Bessa-Luís 1985: 9).

A adesão de Agustina à História é feita, portanto, sob os signos do questionamento (não significando tal questionamento o desinteresse pela pesquisa documental, que, efetivamente, a escritora realiza e reconhece, por exemplo quando reconhece em *A Monja de Lisboa* ter realizado “buscas documentais que este livro exigia” – Bessa-Luís 1985: 8), da imprecisão e da análise das fronteiras entre o discurso literário e o discurso histórico. Destes índices dão conta os seguintes comentários de *Adivinhas de Pedro e Inês*:

Não sei porque se dá mais crédito à História arrumada em arquivos, do que à literatura divulgada como arte de poetas. Mentem estes menos do que os outros, porque a inspiração anda mais perto da

verdade do que o conceito problemático da biografia, que é sempre cautelosa porque julga tratar de factos que a todos unem e interessam, e que acabam por ser, por isso, mais políticos do que relações de tempo entre os homens. (...)

A História é uma ficção controlada. A verdade é coisa muito diferente e jaz encoberta debaixo dos véus da razão prática e da férrea mão da angústia humana. Investigar a História ou os céus obscuros não se compadece com susceptibilidades (Bessa-Luís 1983: 132, 224).

A perspetiva de Agustina sobre eventos e figuras históricos revela uma tendência para a combinação da realidade com a fantasia. Assim acontece na reconstituição da biografia camoniana e na revisitação do percurso existencial do rei D. Sebastião no romance *O Mosteiro* (1980).

Ao fascínio de Agustina por Camões não é seguramente alheia a conceção da própria escritora sobre a História e figuras eminentes como combinação de realidade e fantasia. D. Sebastião é um caso exemplar e por ele se interessou diversas vezes Agustina. Numa palestra realizada na Academia das Ciências de Lisboa, em 13 de novembro de 1980, caracterizou-o como pícaro e heroico. Em *Fama e Segredo na história de Portugal*, éfaba sobre a natureza de D. Sebastião, qualificando-o como um adolescente “inteligente, vivo, confuso” (Bessa-Luís 2006: 98).

A recriação da biografia de D. Sebastião no romance *O Mosteiro*, demonstra a confissão de Agustina segundo a qual a sua ligação a Camões exhibe uma sintonia emocional – do poeta e da ficcionista.

O retrato que, ao longo dos séculos, foi feito por cronistas é substituído em Agustina por uma visão ficcionalizada do *Desejado*, poeticamente representada por Camões, que a escritora recorda, porventura numa manifestação de alguma suspeição diante das leituras historiográficas. Este elemento aponta para uma vertente pós-moderna da ficção da Agustina, nos termos identificados por Laura Bulger para a definição da metaficção historiográfica, que revela:

(...) certo cepticismo em relação ao passado, tal como ele nos chega narradora pela História, com a qual o texto literário mantém um diálogo irónico e malicioso, ficcionando-o segundo uma perspectiva do presente e demonstrando que o discurso histórico é, tal como o discurso da ficção, constituído por um sistema de signos, logo, um sistema instável, que, a um nível semântico, é susceptível de múltiplas interpretações (Bulger 1998: 65).

Assim se pode interpretar o monólogo do protagonista do romance acerca de D. Sebastião:

Belche percebeu que um homem assim não era só o que cronista fez dele ou os embaixadores escreveram, ou os amigos conversaram, ou os velhos tomaram como azar histórico a ponto de pensarem prendê-lo, salvando assim a honra e paz da nação. Ele era de certo modo aquela ‘maravilha fatal’ que Camões genialmente percebe; e diz isso com a ambiguidade que lhe é própria e o entendimento da sedução que os poetas têm como ninguém (Bessa-Luís 1980: 173).

Belche logrará, nesta medida, ser definido como *alter ego* da narradora, porquanto o seu espírito imaginativo revela uma preferência não tanto pela realidade presumivelmente objetiva da História, mas pela sua ficcionalização:

Mais do que a História, Belche amava os seus sussurros e a maneira ousada de a interpretar. Tinha o génio da probabilidade, e talvez, como o seu próprio pai, sentia uma certa tentação em pairar entre o erro e a certeza, concedendo a ambos armas e condições (Bessa-Luís 1980: 125).

4. É nos “sussurros” e nos interstícios da História oficial que Agustina procura ler a vida e a obra camonianas. Sintetiza em Camões a representação do que de melhor tem a História de Portugal, declarando comovidamente que, afinal, se sentiu menos interessada pela biografia do poeta do que pela sua dimensão simbólica. É esta que assegura a perenidade de Camões e, no comentário de Agustina, descobre o leitor que os dados biográficos a fascinaram menos do que essa síntese da identidade nacional que no poeta encontra:

Camões é a alma escrita dum povo inteiro. Não importa se fala de amores e de engenhosas coisas complicadas. Ele representa um momento da nossa História que se repete de tempos a tempos. Representa o desgosto severo do mundo ambicionado; das duras lutas, desejadas ou não (...). Porque nos deixa comovidos Camões? (...) não há vida sem aquele que a canta e dela faz memória. (...) Camões é um símbolo. Não pertence à casta dos autores que fazem o retrato dum acontecimento tal como foi vivido; não é um historiador, é um poeta. Um poeta habita na paixão (Bessa-Luís 2000: 101-102).

Tal como a ficção de Agustina é sobretudo representação de emoções tendencialmente dolorosas, assim aconselha a leitura de Camões porque “Melhor do que eu, melhor do que ninguém, soube compor saudades e imaginações de penas e tristezas que são

sobressaltos de alma, mais do que penas e tristezas concretas” (Bessa-Luís 2000: 103).

Em Agustina, escritora que ao longo de uma vasta obra literária, procedeu a uma arqueologia das emoções – o elemento que unifica uma criação aparente desconexa – não causa surpresa que, sob a aparência de um tom por vezes mordaz, se destaque uma profunda admiração por Camões enquanto figura especular da identidade nacional. Camões é “O português de todos os tempos” porque foi o poeta que melhor soube exprimir o sentido de ser português: “O homem que deveras nos traduz, como nenhum outro em nenhuma outra nação, é aquele que em versos descobre o nosso sentimento, um sentimento viril de ‘quem já tem o mundo experimentado’” (Bessa-Luís 2017: 1035).

### **Bibliografia**

- Bessa-Luís, Agustina (1980): *O Mosteiro*, Lisboa: Guimarães Editores.
- Bessa-Luís, Agustina (1983): *Adivinhas de Pedro e Inês*, Lisboa: Guimarães Editores.
- Bessa-Luís, Agustina (1985): *A Monja de Lisboa*, Lisboa: Guimarães Editores.
- Bessa-Luís, Agustina (2000): “A alma escrita”; “Portugal – 81”; “D. Sebastião, o pícaro e o heróico”, *Contemplação Carinhosa da Angústia*, Lisboa: Guimarães Editores, pp. 93-104, 199-211 e 229-244.
- Bessa-Luís, Agustina (2006): *Fama e Segredo na História de Portugal*, 2ª ed., Lisboa: Guerra e Paz Editores, S.A.
- Bessa-Luís, Agustina (2017): *Ensaio e Artigos (1951-2007)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Borges, Maria João (1995): “Ecos de Camões em alguns poetas contemporâneos”, *Românica*, 4, pp. 89-104.
- Bulger, Laura (1998): *As Máscaras da Memória. Estudos em Torno da Obra de Agustina*, Lisboa: Guimarães Editores.
- Camões, Luís de (2006): *Os Lusíadas*, edição organizada por António José Saraiva, Porto: Figueirinhas.
- Franco, Márcia Arruda (2011): “Cânone literário português e Camões”, Vítor Aguiar e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa: Caminho, pp. 321-338.

- Machado, Álvaro Manuel (2008): “Agustina e os modelos literários estrangeiros: paixão e ironia”, in Isabel Ponce de Leão (org.), *Estudos Agustínianos*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, pp.33-39.
- Martinho, Fernando J. B. (1995): “Camões e a poesia portuguesa contemporânea”, *Românica*, 4, pp. 63-79.
- Pereira, José Carlos (2011): “Camões e o(s) Modernismo(s) em Portugal”; “Camões e o Neorromantismo”, Vítor Aguiar e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa: Caminho, pp. 210-219 e 243-253.
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e (1994): “Função e significado do episódio da Ilha dos Amores na estrutura de *Os Lusíadas*” e “Imaginação e pensamento utópico no episódio da Ilha dos Amores”, *Camões. Labirintos e fascínios*, Lisboa, Cotovia, pp. 131-143.
- Trigo, Salvato (2017): “Da fruição da história, em *A Monja de Lisboa* (1985), à desilusão da política, em *Os Meninos de Ouro* (1983), até à frivolidade de certas vidas, em *Os espaços em branco* (2003), ou do sibilino humor de Agustina Bessa-Luís”, Maria do Carmo Mendes e Isabel Ponce de Leão (coord.), *Humores e Humor na Obra de Agustina Bessa-Luís*, Famalicão: Húmus, pp. 75-82.